

Crônicas de Tubarão I: A Páscoa | Adriana Carolina Hipolito de Assis

A casa estava desarrumada, cheguei tarde desta vez, Dona Vitória aos finais de semana sempre recebia convidados, o que dificultava meu trabalho, ainda mais hoje, com os ônibus em greve. Não sabia, deveria ter assistido ao noticiário ontem para saber da greve, fazer o quê! Dona Vitória abriu a porta com o rosto fechado, fui esclarecendo: “Foi por causa da greve, Dona Vitória...”. Deu de ombros, disse para arrumar tudo por dentro, pois à tarde viria um pedreiro para dar conta da edícula, que estava prestes a cair. Dona Vitória queria iniciar um novo ciclo de amizades, com churrascos, para que seu esposo recebesse os colegas do escritório. Na realidade, ela queria que o marido conseguisse promoção, acho que a condição de gerente geral de vendas não a seduzia mais. Queria o homem na presidência da empresa, comprar outra casa, fazer a famosa viagem de navio para o exterior, coisas da Dona Vitória.

Comecei pelos quartos. Tem dia que a gente não quer saber, mas tem de trabalhar. Tudo uma bagunça, essa mulher nunca foi dona de casa, olha essa gaveta: toda revirada. Parece que o final de semana rendeu. A casa tá de cabeça para baixo, justo hoje que não queria fazer nada! Oh, vida!

Quando ia lavar a louça do almoço tocou a campainha, era o moço. Jovem, devia ter uns 28 anos, trazia uma bíblia consigo, achei estranho. Será que é ..., na certa vai me dar folhetos ou convidar para ir ao culto, mas não: era o pedreiro mesmo. Mostrei o local, disse para avaliar o estrago, mas, certamente, Dona Vitória ou o marido dela já haviam conversado sobre a obra.

No primeiro dia não dei conta do moço, tinha muitos afazeres, mas depois, no decorrer da semana, com a casa mais ordenada, fiz bolo e café fresco e levei pra ele, na certa tava com fome. Quando me aproximei levou um susto, estava sem blusa. Moço bonito, nem gordo, nem magro. “Trouxe bolo, moço.”

— Não te preocupas. Trago sempre marmita.

— Que isso, o moço trabalha duro e, no mais, fiz bolo e café, tá bem bom!

Esperei colocar a blusa, moço educado, de respeito. Mordeu um pedaço e repetiu minha fala:

— Tá bem bom mesmo! Quando casar o marido é seu!

— Sô casada não. Tive um noivo no passado, uma decepção de homem. Fugiu com outra uma semana antes de nos casarmos, casa pronta, docinhos e convidados...

— É, é muita tristeza moça...semana que vem iniciam as procissões de Páscoa. Dona Vitória já enfeitou as janelas com bandeiras roxas com cruz no meio. Comprei um maço de velas dessas compridas...

Na outra semana cheguei mais cedo, queria terminar tudo rapidamente para não perder o início da procissão. Fiquei ansiosa, pois Antônio não parecia ter pressa com o serviço. Tomei banho, pus minha melhor roupa, não tinha um lenço roxo bonito, daquele tipo que todas as mulheres usam nessa época. Pensei em pedir a Dona Vitória, quando então, ela me ofereceu um antigo. Antigo! Era do ano anterior, ta novinho, e é bonito, com bordas douradas. Parecia uma santa quando me olhei no espelho. Fui ao quintal e não vi Antonio, entrei correndo e procurei. Dona Vitória também não estava na sala, deve de ter ido à procissão sem mim. Resolvi sair, corri em direção à igreja, já havia iniciado. O padre à frente com a imagem de Cristo em seu dorso e os fiéis o seguindo, percorri com os olhos: uma lista de passantes, nada de Antonio.

Continuei como um zumbi caminhando na procissão. Lembrei que, naquela manhã, brinquei com ele: “Então irmão, tem orado muito?” e ele respondeu que, por mim, sempre rezava! Senti o calor no meu rosto e abaixei os olhos na direção dele. Enquanto estendia os lençóis para secar, seguia meus gestos no ritmo das espatuladas de massa corrida que dava na parede. Não houve nada de estranho, por que Antonio sumiu?

No outro dia Antônio não apareceu, a casa estava ordenada, comecei pelo quarto como sempre. Dona Vitória estava no banho, achei estranho, os lençóis foram trocados, mas a cama estava desarrumada. Corri na lavanderia, estavam na máquina lavando. Fiquei nervosa. Esperei na cozinha. Dona Vitória estava especialmente feliz, perguntei se havia ido à procissão. “Claro, querida. Jamais perderia uma tradição tão forte!”. Continuei arrumando a louça do café da manhã e resolvi perguntar para o Antônio, se ele não terminaria a edícula. “Como posso saber?” Reparei que seus lábios sorriam ligeiramente.